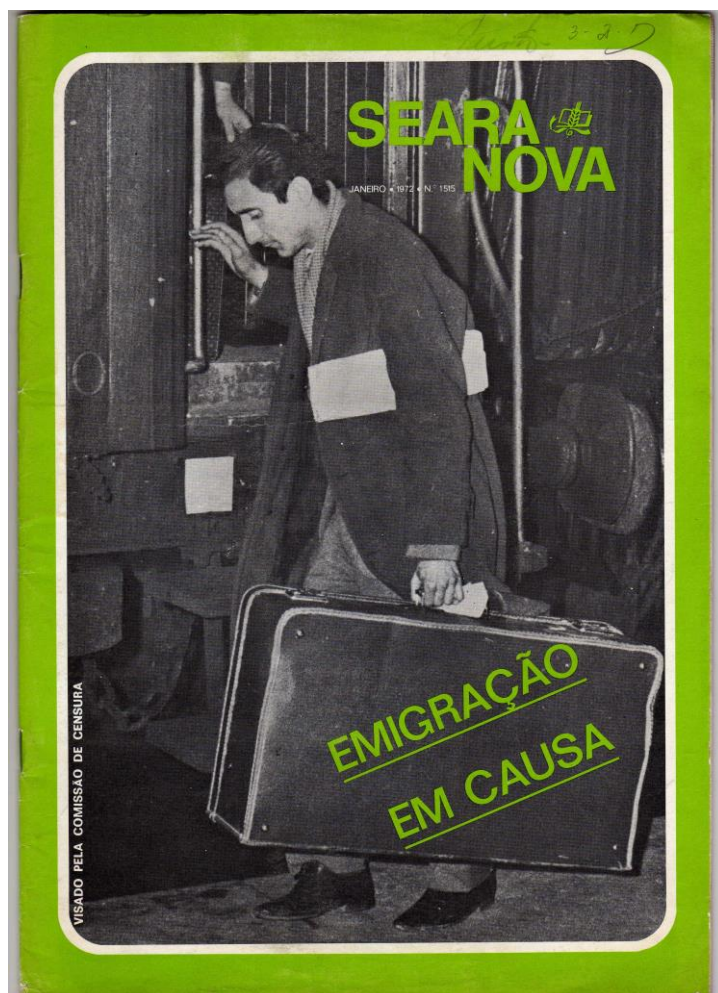


Escrever a contar o que acontece nas margens -

Sobre a Seara Nova e um número dedicado à emigração portuguesa
André Guedes

Artigo originalmente publicado na revista Bastón Blanco nº 2, 2009, Jafre
(Catalunha), Londres



Em 1926, no dia 28 do mês de Maio, Portugal assiste a uma revolução nacional-fascista que implantará uma ditadura no país durante quase cinquenta anos. Esta terminará apenas no dia 25 de Abril de 1974, onde um golpe de estado, conduzido pelas forças armadas do Exército Português, fará o país entrar finalmente num regime democrático, profundo de expectativas e desejos por cumprir.

A revista Seara Nova, surgida em 1921, é o principal periódico que ao longo dessas cinco décadas, não obstante a censura e as vicissitudes financeiras que teve de ultrapassar, traduz o firme

combate ideológico ao regime de António de Oliveira Salazar, denominado por Estado Novo.

Foi fundada em Lisboa por Raul Proença e por um grupo de intelectuais portugueses que definiam a revista como um projecto editorial de "doutrina e crítica". Tinham como objectivo expressar-se ali, como se lê no editorial do primeiro número de 15 de Outubro de 1921, enquanto "poetas militantes, críticos militantes, economistas e pedagogos militantes".

A Seara "desempenhou um papel central na reflexão e intervenção crítica face ao processo de degenerescência do liberalismo republicano da década de 1920 e depois na oposição à consolidação do Estado Novo na segunda metade da década de 1930, na resistência cívica ao longo dos anos de 1940 e 1950 e na renovação doutrinária da esquerda portuguesa e na sua afirmação política e cultural nos anos de 1960 e 1970 até à queda da ditadura e à subsequente reorganização da vida política e intelectual portuguesa", lê-se actualmente na Wikipedia.

A publicação foi assumidamente um instrumento de discurso com fins políticos e pedagógicos. O grupo de seareiros pretendia intervir activamente na vida política do país, contribuindo para quebrar o isolamento da elite intelectual, republicana e progressista, aproximando-a da realidade social portuguesa. A revista representava o pensamento dos seus colaboradores, era o foco da sua potencial acção pedagógica e doutrinária.

A sua implicação na sociedade foi para além da actividade editorial. As sucessivas direcções da Seara Nova promoveram colóquios, debates e prepararam até campanhas eleitoriais na sua sede (durante anos na Rua Luciano Cordeiro 103-1º em Lisboa), sempre com o propósito de estudar e investigar a realidade portuguesa e esclarecer o público.

A conjuntura política de Portugal, é hoje, significativamente outra, e o projecto ideológico da revista perdeu a operatividade, e com isso, o prestígio que teve durante esse longo período político. Hoje a Seara já pouco significa enquanto movimento social actuante. Sobrevive, confinada a quatro números por ano. Como alguém referiu, é uma ironia, que não tendo a

ditadura conseguido aniquilá-la, a Seara está agora sujeita aos acasos e à sorte do regime (mercado?) democrático, pelo qual desde cedo lutou.

Para quem como eu, não tem memórias directas e experimentadas da época fascista, ler hoje os números da Seara, principalmente aqueles que correspondem aos da alvorada da revolução entre o final dos anos de 1960 e inícios de 1970, constitui uma estimulante e inspiradora prova do fôlego e da indomável habilidade com que a revista conseguiu impôr-se e afirmar-se na sociedade e, na medida do possível, perante a Comissão de Censura do regime salazarista.

Por exemplo, o número 1515 da Seara, publicado em Janeiro de 1972 sob a direcção do escritor Augusto Abelaira, inclui um dossier dedicado à emigração portuguesa, colocando em paralelo dois casos praticamente díspares sobre as comunidades de emigrantes portugueses, nos EUA e em França.

A perspectiva crítica sobre o tema é logo anunciada na capa onde se vê um homem que desce ou sobe da carruagem de um comboio segurando na mão uma grande mala de cartão - está certamente a partir ou a chegar a algum lugar - um objecto material e simbólico, que na cultura popular é indissociável da cantora portuguesa Linda de Suza, também ela, precisamente, emigrante portuguesa em França. Ao olhar para baixo, ao pisar o apeadeiro dessa estação de comboio, o homem parece conscientemente traduzir a apreensão do seu projecto, sair do lugar onde nasceu e cresceu, para passar a viver num lugar que é, naquele preciso momento, desconhecido e difícil.

O artigos da Seara saem precisamente no momento marcante deste fenómeno em Portugal. É nas décadas de 1960 e 1970 quando se verifica o grande fluxo das populações rurais, quer em direcção aos grandes centros urbanos de Lisboa e Porto (a desgovernação do território na periferia destas cidades é a melhor evidência desse processo), quer directamente rumo ao estrangeiro. Buscar outras e melhores condições de vida, porque em Portugal vivia-se mal.

A emigração nunca foi algo que não custasse ser feito, nem mesmo para os exilados políticos, nem nesta, nem em nenhuma outra época. Para uns e para outros, emigrar, traduziu-se apesar de tudo, em casos bem distintos sobre a motivação para abandonar um país e sobre as formas de viver noutro.

“Não vê o que fizeram com as barracas? Veio o “bulldozer” e começou a atirar as barracas abaixo, foram os da *mairie* que mandaram.” comenta uma emigrante a Carlos Veiga Pereira, autor do esclarecedor texto *A Longa Marcha do Bairro da Lata*, nesse número da Seara Nova. “Eles falaram com a gente para mudarmos para uma casa que eles nos davam, mas para dizer bem a verdade nem sei onde fica. O meu marido trabalha em Paris e o da minha irmã *anda* nas obras, tanto fazia estar aqui ou noutro lado. O pior é que íamos pagar 300 francos. Como é que vossemecê quer que a gente pague essa renda? Faça as contas: o meu marido ganha pouco passa de 900 francos, somos cinco a comer, e ainda temos de ajudar a minha sogra. Aqui não pagamos renda, sempre se junta algum. E não se está mal. Só é pena não haver electricidade, nem gás do cano. E também não há esgoto, é como em Portugal.”

“Lá, como aqui” é a legenda de uma fotografia mostrando um grupo de mulheres a lavar a roupa num tanque público nos arredores de Paris. De facto, as ruas desses bairros surgiam com a toponímia das do país de origem. A Rua de Tomar, a Alameda do Sabugal, a Praça da Guarda...

Estas eram as informações, cortesia da Seara Nova, durante o regime pré-democrático.